

VIAGEM REAL VISTA PELA POLITICA



Uns viram-n'a assim,

outros assim.

Tendo constado ao proprietario do *Antonio Maria* que alguém condemnara como offensivas para o Porto, as caricaturas relativas á projectada *guarda do rei e carta*, pediu pelo telegrapho aos seus collegas da *Folha Nova* que em seu nome fizessem a seguinte declaração!

DECLARAÇÃO

Somos encarregados pelo... Raphael Bordallo Pinheiro, de declarar que elle não teve nem a mais leve intenção de offender a cidade do Porto, com os desenhos do ultimo numero do *Antonio Maria*, ao contrario do que foi affirmado por um jornal d'esta cidade.

Porto, 14 de agosto de 1882.

Emygdio de Oliveira
Joaquim da Costa Carregal.

O recolher do cyrio



As azemolas já não podem com os festeiros; os machos tropeçam a cada passo; os burros vão-se abaixo com o peso dos juizes e mordomos do cyrio que cabeceam de cançados. O cyrio partiu alegre em romaria e volta de orelha murcha, e besteando, silencioso e só por vergonha é que não dá o tempo por mal empregado.



A' saída da ultima ermida não roncaram saudosamente as gaitas de folles, não se ouviram as vozes chorosas dos romeiros que agitavam os lenços despedindo-se da bemdita viagem; e o santo, orago da festa e pretexto da romagem, lá vem desengonçando-se em cima da carriola, que chia doridamente como se o seu gosto fosse atirar com a carga ao chão.



Isto que succede a qualquer cyrio d'aldeia é exactamente o que está acontecendo com a romaria das instituições. A romaria partiu alegre e festejada e volta cabisbaixa e triste; á saída do Porto não se entoaram as lãs chorosas da partida, nem houve lagrimas no bota-fóra. Para que uma romaria regressasse satisfeita aos patrios lares, é preciso que na sua peregrinação seja acolhida com foguetes de sete estalos e despedida com foguetes de lagrimas. Que os hospedeiros mostrassem tão boa cara nos cumprimentos da partida como nos da chegada do hospede é signal de que se a visita do hospede lhes foi agradável, não lhes foi menos o verem-não pelas costas.



Havia n'uma terra do Alemtejo uma D. Aurelia, lavradora abastada que recebia com ar alegre todos os seus hospedes, mas no dia seguinte começava a pergunta-lhes: — *Quando se vai embora?* e repetia a pergunta com breves intervallos até vel-os montar a cavallo para rocolherem a suas casas.



Parece-nos que na romaria das instituições succedeu a mesma coisa. Foram recebidos ao som de foguetes de sete repostas e partiram ao som dos foguetes de igual numero de repostas. Nenhuma voz soltou a lamentar a despedida:

«Tu vais deixar-me, sem talvez que o pranto
Te innunde as faces ao escutar meus ais!»



Nenhum soluço entrecortou as notas solemnes dos trombones. Nenhum suspiro interrompeu com uma fífa de commoção e harmonia dos clarinetes. Nenhum lenço, com cercadura de ihós e passarinhos, agitou a indifferente quietação da atmosphera. D. Aurelia recebera com ar satisfeito os seus hospedes e com igual ou mais satisfação os acompanhou ao bota-fóra.

E' muito mais facil simular a alegria do que a tristeza. A D. Aurelia não se pôde contrafazer para os prantos como se violentara para os jubilos; ella preferia que não a tivessem maçado com a visita, mas como não havia outro remedio fez boa cara á entrada e esqueceu-se de que precisava de ter outra cara para a sahida. Tambem, para estopada já bastava.

D. PÉRO.



Bazorra, o de fino tacto,
Pede ao Burnay da melgueira
Que lhe empregue a lavadeira
Nas coisas do syndicato.

Burnay, o que nunca intruja,
Cede ao pedido do amigo,
E diz p'ra si: — foi um figo...
Não falta lá roupa suja.

O foguete do «Antonio Maria»



Estamos vendidos

Virámos a casaca!

Tambem deitamos um foguete á passagem das Magestades!

Que querem, não esteve mais na nossa mão. Quando vimos o real viajante prometter uma pensão do seu bolso aos pobres velhos que ainda restam dos heroicos soldados do Mindello, sentimos um ataque de ternura; espontaneamente arrancamos um foguete das mãos de um syndicateiro que o tinha de reserva para outra occasião, chegamos-lhe a ponta de charuto ao cordel alcatroado, e elle subiu estoirando festivamente.



Esperamos que por este foguete saído de nossas mãos em louvor de S. Magestade Fidelissima, não haja por bem a mesma Magestade de nos mimosear com alguma commenda das muitas que já estão na forja para agradecimento dos foguetes do syndicato. Se um impulso generoso nos levou até o ponto de nos confundirmos com os galderios do syndicato que deitavam foguetes na passagem de S. Magestade, não sirva o precedente para que se supponha que não temos duvida em nos confundir com o commendador Corrêa de Barros ou outro qualquer. Seria da parte de S. Magestade pagar o entusiasmo de um foguete com a mais ingrata das commendas.



FREI BOLHA PRÉGANDO CONTRA OS LIVRES PENSADORES



Mil vezes maldito seja
Quem as acções não moldar
P'lo que a Santa Madre Egreja
Ensina e manda pensar!

(Mexe o pescoço
E escarra grosso)

Na caldeira fumegante
Do feroz Pero Botelho
Seja cosido o tratante
Que usa barrete vermelho!



(Coça o nariz
E depois diz)

Que não sabe (alma ruim!)
P'ra fugir do negro abysmo,
Seguir tim tim por tim tim
O que ensina o cathecismo!



(O lenço tira
E diz com ira)

Pensar livre!!! Idéa insana
Que arrepiar faz as carnes...
E que daria em Pantana
Co'a mina dos nossos parnes!

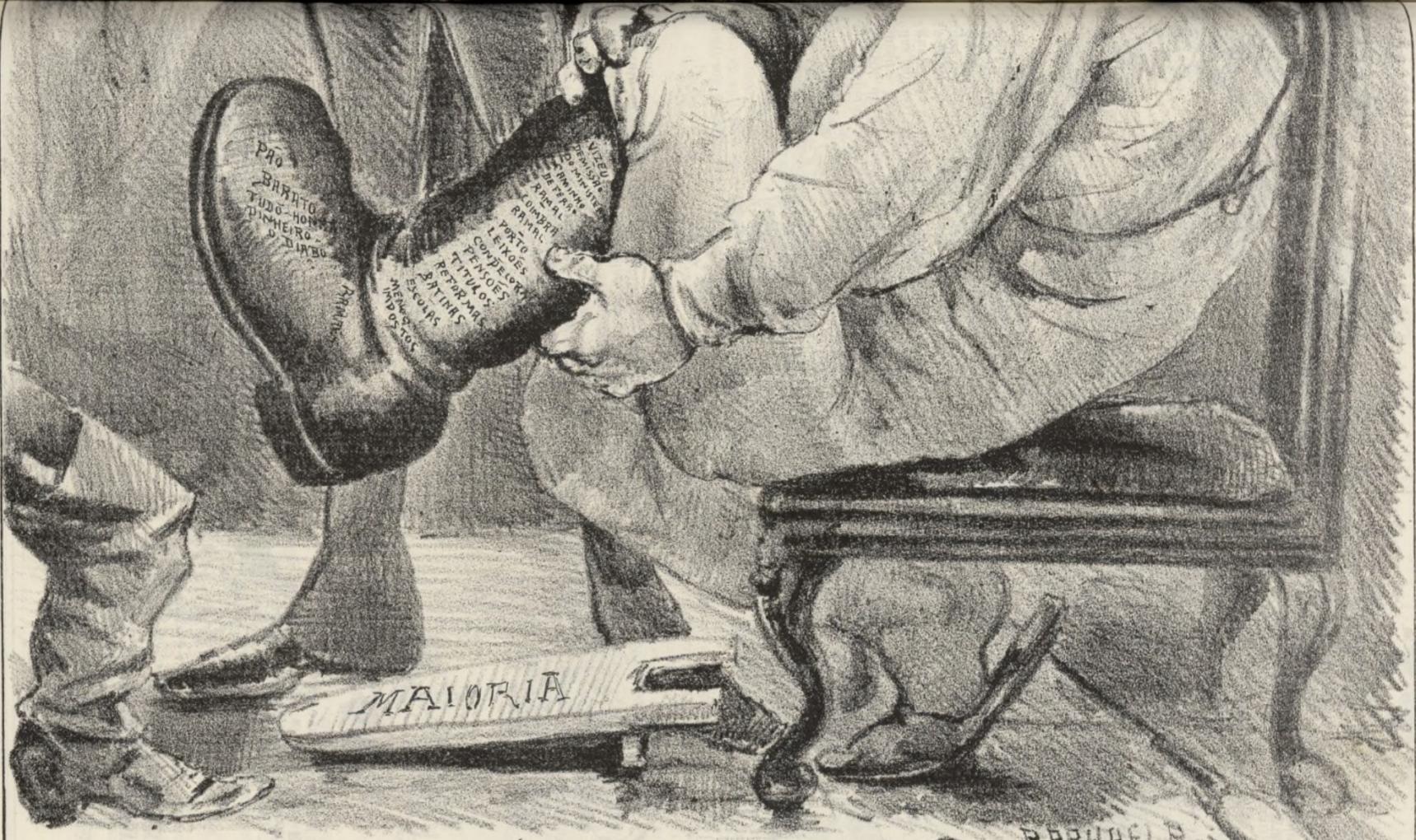


(Assoa-se a um lenço azul
E vira as ventas ao sul)

Guerra de morte a Arriagas!
Guerra ao povo que solettra!
Guerra a Theophilos Bragas,
Cecílios e tal, etc.

(Muito mais frei Bólha disse
Mas já basta de tolice!)

DEPOIS DAS FESTAS - OS APERTOS



— Como hei-de descalçá-la?
— Eu sei lá.

SUPPLICA



O' presado rei Zilu,
Nosso arrimo e nosso amparo,
Vem depressa e traze o Caro
E o nosso qu'rido presunto;
Não te demores lá mais,
Pois confesso, rei magnanimo,
Que me vae faltando o animo
Com esta escacez de assumpto!



O calor atroz aperta-nos
Como as cordas d'um arrocho,
Anda a gente murcho e frouxo
Como um monco de peru...
A' capital dos teus reinos,
Zilu, correndo regressa,
Vem a trote, vem depressa,
Não te demores, Zilu!

Quando tu por cá te gastas
O assumpto nunca escaceia;
Se este acaba, volta e meia,
Lá se faz nova colheita;
Quer no conselho ou nas côrtes,
Quer de throno ou de cadeira,
Sempre lá vem uma asneira
De que a gente se aproveita.



Mas assim, longe da patria
Onde Ulysses teve o berço,
Como hei-de eu cantar-te em verso
Se a musa logo encambixo?
Se te demoras, forçando-me
A tratar assumptos futeis,
Os meus versos, por inuteis,
Vão p'ra a carroça do lixo...

PAN.

DEPOIS DA VIAGEM



COMO PILATOS

Extracto da correspondencia do *Diário Illustrado* de 11 d'agosto:

Nem um unico viva que podesse offender as instituições,
nem um unico gesto que não fosse o da saudação e respeito.



O que mais assombrou o publico foi a illuminação da torre dos Clerigos. Toda rodeada de lanterninhas desde a base até á cimalha da cruz, destacando-se do azul escuro do céu, dava idéa d'uma enorme torre chinesa.



Em baixo um tapume muito largo e alto, de lona pintada tinha tres aberturas ellipticas d'onde pendiam stores que tinham pintadas em transparente as cordas da familia real, illuminadas pela parte de traz.



Reinou durante toda a noite a maior animação, sem que houvesse o minimo desgosto.

SIM SENHOR

Diz o sr. Pedroso de Fornos d'Algodres para o *Diário Illustrado*:



Fallam em republica esses ambiciosos, esses malandrins, esses corypheus de má morte, mas é porque são mãos, são perversos, ou porque não conhecem a familia real.

E' porque nunca viram, ou não souberam, bem comprehender a lealdade de el-rei, nem a angelica bondade da rainha. Que venham para cá esses especuladores que desejam e promovem a desordem, a anarchia, para se locupletarem, enganando o povo.

Que venham para cá, para as nossas terras, para o nosso Mondego, que nós lhes daremos a republica!



Ora o sr. Pedrozo! E' um sr. Pedrozo com figados de tigre.

É FERROZ

Metamorphose

Estro de Ovidio, seguirei teu voo,
Se não me é dado emparelhar contigo.

BOCAGE.

Houve outr'ora audaz tribuno
(Em dar-lhe o nome não caio)
Que foi qual do céu um raio
Contra os desmandos dos reis:
Esse tribuno arrojado,
Medonho qual feio espectro,
Fazia tremer o sceptro
Que forjava iníquas leis.

Não sei se sabeis a historia:
O tribuno tinha palmas,
Dominava em nobres almas,
Era a gloria do paiz.
Mas (como o demonio as arma!)
O Catão, o fibras d'aço,
Uma vez no regio paço
Pôde metter o nariz.

E que acontece? — Escutae-me
E dae logar para o pasmo:
Assalta frio marasmo
Ao livre tribuno heroe.
Já não se ergue, não pragueja
Contra feias prepotencias;
Acata as conveniencias;
A troco d'ossos que rõe:

Aquella altivez briosa
Que tão bella ia luzindo,
Foi-se sumindo, sumindo...
E o grande fica um petiz.
Não o enojam as maroscas
Do sindicatô mais sujo;
De leão passa a sabujo!...
Choremos este infeliz.



D QUE DMA CARTA DE CONSELHO FEZ D'UM
RESPEITAVEL XAROPE

O HOMEM E O BOI

Desculpe La Fontaine d'onde mora
Quem fabulista sae á ultima hora.

João Thomaz, o carriça,
Tinha uma horta; e na horta havia
Um poço, que lhe servia
Para a rega da hortaliça.

Um pobre boi, nada moço,
Falto de pello no coiro,
Trabalhava como um moiro
P'ra tirar a agua do poço.

Notou o boi — pois pensava,
Que, apesar do que trabalha,
Minguava a ração da palha
E a de aguilhão augmentava.

E um dia, da rega á hora,
Depois de matar a sede,
Ferrou os pés á parede
E não quiz puxar á nora.

Aguilhão João Thomaz
O pobre boi, que dá urro,
Mas este na teima burro,
Ou mais que burro se faz.

E, vendo a rega faltar,
O João tanto se zanga,
Que mette o cachaço á canga
E faz a nora girar.

Applicação, nada tortia:
Se o Zé tiver arreganho,
Puxará ao seu eugenho
O proprio dono da horta.

**THEATROS
COLYSEO**

COMPANHIA LYRICA ITALIANA — DIRIGIDA POR MOLINA

RUY BLAS



A CIDADE DE LISBOA



REI CHEGOU